Diretor — Américo de Campos, 1875-1884; Francisco Rangel Pestana, 1875-1890; Julio Mesquita, 1891-1927; Nestor Rangel Pestana, 1927-1933; Plinio Barreto, 1927-1958

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)

Cap. e Int. de São Paulo: d. ú. NCr$ 0,25, dom. NCr$ 0,40. Assin. NCr$ 60. End. Rua Major Quedinho, 28. Tel.: 239-3133. End. Telegráfico ESTADO. Telex: 021-601 e 021-602.

DIRETOR: JULIO DE MESQUITA FILHO — ANO 89 — DOMINGO, 24 DE NOVEMBRO DE 1968 — N.º 28.721 — DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

Ressurge o stalinismo

PRAGA, 23 — Os stalinistas começam aos poucos a voltar à vida politica ativa. Alois Indra, um dos secretarios da Comissão Central do PC checoslovaco, classificado como "colaboracionista" e pronto a servir Moscou na formação de um novo governo, após a invasão do país, foi o encarregado de explicar a nova linha politica na cidade de Karvena, onde falou em uma reunião de 800 membros do Partido.

Tanto Alois Indra como Vasil Bilak, os dois mais importantes "colaboracionistas", têm uma forte influencia politica no Partido, forçada pelos russos, após o Acordo de Moscou. Os liberais do grupo do secretario-geral Alexandre Dubcek tentaram em vão em numerosas ocasiões retirá-los de seus cargos, mas não conseguiram por causa da pressão russa. E na ultima reunião da Comissão Central eles adquiriram ainda mais fôrça.

Até agora, no entanto, sua atuação tinha ficado mais ou menos obscura, segundo os observadores para evitar problemas, pois a opinião publica do país inteiro é francamente hostil aos dois. O fato de que Indra já participe ostensivamente de reuniões amplas como as de Karvena e o orgão do PC, o "Rudé Pravo", dê a noticia do fato indica que os stalinistas, pouco a pouco, vão consolidando a sua posição, não tendo mais necessidade de agir discretamente.

Intelectuais

O secretario do Sindicato dos Artistas, Ludvik Pacovsky, informou hoje que a reunião dos intelectuais, dedicada a estudar os meios de resistir ás crescentes pressões determinadas pela nova linha politica aprovada na ultima reunião da Comissão Central do PC, foi suspensa, devendo ser reiniciada na terça-feira. Nessa ocasião, os intelectuais pretendem divulgar uma declaração subscrita por cerca de mil artistas, escritores e cientistas.

Ontem, os intelectuais discutiram principalmente o fechamento das revistas "Politika" e "Reporter", acusadas de violar as disposições da censura. Os intelectuais aderiram francamente á greve dos 100 mil estudantes, que ocuparam as suas escolas para protestar contra o abandono do programa de liberalização iniciado em janeiro. Agora, ante as novas ameaças do governo, que atingem principalmente os jornalistas, decidiram traçar um plano comum de resistencia. Não se sabe ainda o que decidirão os intelectuais, mas os observadores acreditam que o governo, pressionado pelos russos, poderá fazer represalias contra eles.

Desmentido

O administrador apostolico de Praga, monsenhor Frantisek Tomasek, desmentiu hoje que o governo checoslovaco pretende iniciar brevemente conversações com o Vaticano, para normalizar a situação da Igreja no país, conforme declarações que lhe foram atribuidas.

Tomasek, que acaba de regressar de Roma, disse ao jornal catolico "Lidóva Demokracie" que não fêz quaisquer declarações desse tipo na Italia. No entanto, a agencia oficial CTK atribuiu hoje a Tomasek a declaração de que "no Vaticano existe uma tendencia favoravel a conversações com o governo checoslovaco".

AFP, Reuters e UPI

O PCI veta coalizão

ROMA, 23 — A crise politico-social italiana agravou-se ainda mais hoje, com a decisão do Partido Comunista de lutar contra a formação de um novo governo de coalizão de centro-esquerda. Tal decisão foi comunicada ao presidente Giuseppe Saragat, pelo lider do PCI, Pietro Ingrao, no encontro que ambos mantiveram no Palacio Quirinal.

Ingrao disse aos jornalistas que um gabinete de coalizão, do qual participariam os democrata-cristãos, os socialistas e os republicanos, seria completamente ineficaz para resolver a grave crise pela qual atravessa a Italia. Defendeu ainda uma maior participação dos estudantes e dos trabalhadores na vida nacional.

O PDC, por outro lado, não conseguiu superar as suas divergencias internas e adiou para domingo a eleição de sua nova direção. Seis facções se digladiam dentro do partido, dificultando qualquer acordo. Mariano Rumor e Emilio Colombo continuam sendo apontados como os mais provaveis escolhidos para o cargo de primeiro-ministro. Nos circulos economicos e financeiros defende-se a indicação de Colombo, atual ministro do Tesouro, em consequencia da crise do franco e do sistema monetário ocidental. Prosseguem, por outro lado, em todo o país, greves de operários e manifestações estudantis, o que levou o governo a mobilizar 1.500 policiais especializados na luta antimotim.

AFP, ANSA, AP, Reuters e UPI

Página 26

De Gaulle mantém franco

PARIS, 23 — O franco não será desvalorizado, segundo decidiu hoje o general de Gaulle, após uma demorada reunião do gabinete, presidida pelo chefe de Estado, que redigiu pessoalmente o comunicado divulgado em seguida: "O presidente da Republica faz saber que, após a reunião do Conselho de Ministros de hoje, 23 de novembro, foi tomada a seguinte decisão: a paridade atual do franco francês será mantida. O general de Gaulle falará ao país, pelo radio, amanhã, 24 de novembro, ás 19 horas (GMT).

Esta decisão apanhou de surpresa os circulos financeiros do mundo inteiro, entre os quais os da propria França, pois embora na conferencia do "Grupo dos 10", em Bonn, a concessão de um credito de 2 bilhões de dolares para ajudar a economia francesa não tivesse ficado formalmente condicionada à desvalorização do franco, esta medida era considerada pacifica, correspondendo à contribuição da França para o reequilibrio do sistema financeiro internacional. Agora, acreditam os tecnicos que, para cumprir sua parte, o governo de Paris terá que adotar medidas internas cujos efeitos poderão ser muito mais drasticos que os da propria desvalorização.

Radiofoto AP

Ortoli e Murville deixam o Eliseu depois de reunir-se com de Gaulle

Surprêsa é geral

Em todo o mundo, principalmente nas capitais dos paises integrantes do "Grupo dos 10", a decisão do governo francês foi recebida com verdadeira estupefação. Todos estavam absolutamente certos de que o presidente de Gaulle reunira o gabinete para discutir a porcentagem em que seria fixada a desvalorização do franco, e não a medida em si, considerada pacifica e definitiva.

Em Bonn, Washington, Londres e outras capitais, em meio a um evidente espanto, a primeira reação foi identica, nos circulos oficiais: "Não há comentarios".

Mesmo na França, o comunicado oficial foi recebido com surpresa. Nos circulos financeiros de Paris ninguém quis manifestar-se a respeito, com a desculpa de que "não há ainda elementos suficientes para julgar as consequencias da medida", conforme disse um banqueiro procurado por uma agencia internacional de noticias em sua casa de campo. Adiantou, entretanto, que dificilmente a manutenção da paridade do franco evitaria que a evasão de divisas prossiga quando os mercados de cambio forem abertos.

Uma outra autoridade financeira de Paris comentou que a decisão pode ser interpretada como indicio de que de Gaulle não pretende abandonar seu proposito de tentar uma reforma do sistema monetario internacional, mediante ajustes da paridade dentro do retorno ao padrão-ouro.

A reunião

Fontes ligadas ao governo informaram que a reunião do gabinete, que durou 3 horas e 35 minutos, transcorreu num ambiente de tensão tão elevada como a dos tragicos dias da guerra argelina. Entre os ministros, havia uma profunda divisão, alguns defendendo a desvalorização do franco para não precipitar o país numa perigosa crise economica, outros preferindo manter a paridade da moeda. O presidente de Gaulle liderava esta ultima corrente, e "foi graças ao seu trabalho pessoal e persistente que os partidarios da desvalorização, um a um, mudaram de opinião".

Após a conferencia, um alto funcionario do governo comentou: "O general jamais admitiria publicamente que o seu franco pudesse ser derrotado pelo marco alemão. Preferiria vender o ultimo movel de sua casa a ter que aceitar essa solução".

E acrescentou: "Esta decisão significa que o presidente de Gaulle aceitou o desafio para travar a maior — e provavelmente ultima — de suas grandes batalhas, porque entende que o mundo financeiro interpretaria a desvalorização do franco como uma derrota diante do marco".

Outro informante disse que o general, ao final da reunião, defendendo a necessidade de proteger o franco como simbolo da "nova grandeza da França", declarou enfaticamente: "Não tomarão a Bastilha de novo!"

E pôs-se a escrever, ele proprio, o comunicado que minutos depois era divulgado.

Imprensa

O comunicado dos Campos Eliseos deve ter deixado profundamente embaraçada a grande maioria dos diarios parisienses, que em suas edições de hoje, sob grandes titulos que anunciavam a desvalorização do franco, faziam violentas criticas á medida e á politica economica de de Gaulle em geral. "A desvalorização do franco estaria ao redor de 10 por cento", afirmava o "Le Figaro"; "A derrota", dizia o "Combat"; "A desvalorização confirma o malogro da politica gaullista", no "Le Pariense Libre". Talvez o mais maldoso dos titulos, que pode ajudar a compreender a atitude do general, tenha sido o do diario comunista "L'Humanité": "Bonn impõe a de Gaulle a desvalorização do franco".

Dificuldades

LONDRES, 23 — A decisão do governo francês de não desvalorizar o franco foi recebida com surpresa pelo governo britanico e veio agravar as sérias preocupações do primeiro-ministro Harold Wilson, ás voltas com uma violenta reação negativa, tanto nos circulos financeiros quanto na opinião publica, ás medidas ontem anunciadas para fortalecer a economia nacional e recuperar a libra esterlina.

Os aumentos de impostos e as restrições á importação, duramente combatidas pela oposição conservadora, assustaram o povo inglês, que hoje saiu em massa á procura das lojas comerciais, numa tentativa de fazer as compras de Natal antes que comece a vigorar a elevação do tributo sobre produtos industrializados. De qualquer maneira, hoje os ingleses já começaram a pagar impostos 10 por cento mais altos sobre o uisque, cerveja, cigarros e gasolina.

O lider do Partido Conservador, Edward Heath, declarou ontem que as medidas de austeridade anunciadas pelo ministro da Fazenda Roy Jenkins, se constituem num "fingimento doloso, malversação de fundos e estupida negligencia". Mesmo entre os trabalhistas aquelas medidas têm sido duramente criticadas. Mas o governo espera, com o terceiro programa de austeridade posto em pratica este ano, reduzir os gastos internos em cerca de 500 milhões de libras.

Situação difícil

Segundo os observadores, o governo trabalhista encontra-se em situação muito dificil. Embora Jenkins tenha tentado minimizar os efeitos psicologicos do aumento de impostos, garantindo que se trata de medida imprescindivel para impedir a desvalorização da libra, o lider conservador partiu para um violento contra-ataque, afirmando que "as devastadoras medidas do governo constituem a amarga colheita de 4 anos de socialismo e demonstram a incapacidade do sr. Wilson e sua equipe".

Os "book-makers" londrinos estavam hoje em grande atividade, aceitando apostas, na proporção de 2 para 1, sobre uma rapida queda do gabinete trabalhista.

Preocupação

WASHINGTON, 23 — Ao serem informados de que a França decidira não desvalorizar o franco, peritos ligados á Casa Branca manifestaram a preocupação do govêrno norte-americano diante da possibilidade de que a atitude do general Charles de Gaulle possa precipitar uma crise monetaria internacional sem precedentes na Historia.

A noticia chegou a Washington no momento em que o presidente Lyndon Johnson acabava de iniciar uma reunião com os seus mais importantes assessores financeiros, para examinar a situação monetaria internacional após a conferencia do "Grupo dos 10", em Bonn. De imediato, não houve nenhum comentario oficial sôbre a negativa francesa de desvalorizar o franco, mas era indisfarçavel a surpresa e a preocupação que a noticia provocou em Washington.

Pouco antes de entrar na reunião com o presidente, o secretario do Tesouro, Henry Fowler, declarara aos jornalistas que a conferencia de Bonn atingira "seu objetivo de restabelecer condições para a estabilidade do sistema financeiro internacional". Estavam também na Casa Branca, para a reunião, os secretarios da Defesa e de Estado, Clark Clifford e Dean Rusk, além de Robert Murphy, representante do presidente eleito Richard Nixon, que foi convidado por Johnson para tomar conhecimento das questões em debate.

Na Alemanha

BONN, 23 — A reação á decisão francesa nos circulos oficiais de Bonn não foi diferente que no resto do mundo: surpresa e discrição. Um porta-voz do Ministerio da Economia declarou lacônicamente aos jornalistas: "Não haverá comentarios". Fontes autorizadas, entretanto, revelaram que a posição da Alemanha Ocidental pode ser resumida da seguinte forma: "Se a atitude do general de Gaulle faz parte de um plano para forçar o govêrno de Bonn a valorizar o marco, os franceses podem considerar-se, desde já, frustrados".

Hoje pela manhã, os jornais alemães comentavam com imodesta satisfação a "vitoria alemã" na crise monetaria internacional. O "Bild Zeitung" dava, em primeira página, o grande titulo: "Agora os alemães são os primeiros na Europa".

O ministro das Finanças, Josef Strauss — a unica autoridade presente á conferencia do "Grupo dos 10" que declarou publicamente que o franco seria desvalorizado — não foi encontrado hoje em Bonn.

"Devolver a bola"

ZURIQUE, 23 — Um importante banqueiro suiço comentou hoje, ao ser informado de que a França não desvalorizaria o franco, que esta decisão podia ser interpretada como uma tentativa do presidente de Gaulle de "devolver a bola á Alemanha Ocidental". E acrescentou: "Isto poderá resultar numa verdadeira guerra economica, pois é absolutamente improvavel que os alemães voltem atrás em sua decisão de não valorizar o marco".

Outro banqueiro declarou: "Isto nos deixa onde estávamos há poucos dias — em plena crise. Vai ser uma catástrofe quando os mercados reabrirem na segunda-feira, a despeito de quaisquer medidas de austeridade e controle monetário que a França possa impor".

Os banqueiros suiços revelaram que, apesar de terem poucos francos, não pretendem comprar mais na segunda-feira, "e muito menos vender marcos". Todos são de opinião de que os especuladores que estavam contando com uma valorização da moeda alemã e a desvalorização da francesa, "perderão nos dois sentidos".

AFP, ANSA, AP, Reuters e UPI

Mais noticias nas páginas 2, 16 e 22

URSS justifica a presença da frota

MOSCOU, 23 — A União Sovietica defendeu hoje o seu "direito irrefutavel de manter uma frota no Mediterraneo para repelir a agressão ocidental", numa resposta à advertencia que lhe fêz a NATO, após a sua ultima reunião em Bruxelas. Os russos acusaram os Estados Unidos de "pretender criar crises internacionais cada vez mais graves na Europa, para conseguir a renovação do tratado da NATO", que vence no proximo ano.

Um comunicado distribuido pela agencia TASS afirma que a "União Sovietica, na sua qualidade de potencia do Mar Negro e, portanto, mediterranea, tem o direito irrefutavel de estar presente nessa região. Os navios sovieticos não estão no Mediterraneo para fazer ameaças a ninguém, pois sua missão é promover a estabilidade e a paz na região".

O comunicado é uma resposta á advertencia formulada pelos Estados Unidos e seus aliados europeus á União Soviética, após a reunião da NATO em Bruxelas na semana passada, de que não deve usar a fôrça contra países não-participantes da organização, mas cuja segurança afeta a NATO. A advertencia ocidental referia-se implicitamente não somente á possibilidade de invasão de outros paises comunistas — a Iugoslavia em especial — como também ao fortalecimento da frota soviética no Mediterraneo.

Moscou afirma que "a NATO está irritada, porque a presença da frota soviética no Mediterraneo atrapalha seus designios agressores".

Acusação

O comunicado, da TASS, sem citar nominalmente a Checoslovaquia ou a Iugoslavia, acusa a NATO de apresentar a sua propria interpretação da lei internacional, incluindo novos paises na esfera de interesses da Aliança Atlantica, sem consultá-los previamente". Para a União Sovietica, a reunião da NATO em Bruxelas serviu para se fazer "uma enorme campanha abertamente hostil aos paises socialistas, com o proposito de conseguir a renovação do tratado da organização, que termina no proximo ano, e ao mesmo tempo intensificar a atividade militar e a corrida armamentista".

"Os membros da NATO aos quais foi pedido que aumentem sua contribuição militar não foram advertidos plenamente do que os espera" — afirma o comunicado. Logo a seguir, diz que a União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsovia adotarão todas as "medidas necessarias para salvaguardar a segurança dos paises da comunidade socialista".

"A tonica da reunião de Bruxelas — prossegue — foi dada por aqueles que pensam em termos de "guerra-fria" e querem manter a tensão. O objetivo foi fazer com que todos os paises membros aceitassem a inevitabilidade de uma constante "corrida" armamentista, da persistencia dos conflitos e das crises. Mas a qualquer ação agressiva da NATO a União Soviética saberá dar a resposta".

Objetivo da frota

Desde a guerra entre arabes e israelenses, em junho de 1967, a União Sovietica vem fortalecendo o seu poderio naval no Mediterraneo e calcula-se que existam hoje, na area, cêrca de 50 navios de guerra sovieticos. Alguns observadores ocidentais vêem dois objetivos principais para o estabelecimento de uma frota sovietica no Mediterraneo.

Em primeiro lugar, os russos desejam ter maior liberdade de ação, numa região estrategica vital como é aquela, para aumentar a sua segurança nacional. Em segundo lugar, querem vigiar de perto os seus aliados arabes, com o objetivo de evitar uma nova guerra no Oriente Medio, que traria uma nova derrota para os arabes e a perda de carissimo equipamento fornecido pela União Sovietica. Além dessa vigilancia, a frota serve para consolidar a crescente influencia russa nos paises arabes.

Fôrça-tarefa

LONDRES, 23 — Uma fôrça-tarefa sovietica, formada por dois cruzadores e dois contra-torpedeiros armados com foguetes e um barco de abastecimento, está ancorada em aguas territoriais britanicas, perto das ilhas Orkney, no norte da Escocia. A fôrça está sob vigilancia aerea e não se sabe para onde se dirige.

AFP, AP, Reuters e UPI

Radiofoto AP

Jerusalém

Tropas israelenses guardam as ruas de Jerusalém, onde foi decretado o toque de recolher depois da explosão de uma bomba colocada por terroristas arabes do "Al Fatah" num mercado no setor judeu da cidade. (Página 26)

Como salvar a aparência

BUDAPESTE, 23 — A União Sovietica está preocupada com o desgaste sofrido com a invasão da Checoslovaquia e decidiu criar um novo orgão — semelhante ao Conselho Mundial da Paz — com o objetivo de reconquistar as simpatias dos comunistas ocidentais ou "não comunistas progressistas". A informação foi divulgada em circulos diplomaticos, após o encerramento da reunião preparatoria da Conferencia Internacional dos Partidos Comunistas.

Este novo orgão seria uma "Frente Antiimperialista", capaz de congregar "todos os comunistas descontentes com a invasão" e outros elementos que, apesar de não serem comunistas, são "antiimperialistas". A Frente substituiria o Conselho Mundial da Paz, que perdeu o seu prestigio nos ultimos anos.

O Conselho serviu bem aos propositos sovieticos na decada de 50, promovendo propaganda "antiimperialista" e campanhas de protesto em todo o mundo, conseguindo unificar, embora de maneira precaria, o movimento esquerdista, sob uma liderança comunista. O simbolo do Conselho foi a famosa "Pomba da Paz" feita pelo pintor espanhol Pablo Picasso, que chegou a atuar diretamente dentro do Conselho, assim como numerosos intelectuais e artistas ocidentais. Charles Chaplin, por exemplo, foi um dos muitos artistas que aceitaram o "Premio da Paz" dado pelo Conselho.

PCI satisfeito

ROMA, 23 — Os representantes do PCI que participaram da reunião preparatoria da Conferencia Internacional dos Partidos Comunistas estão plenamente satisfeitos com os resultados do encontro. E' o que afirma o deputado Enrique Berlinguer, chefe da delegação dos comunistas italianos, em uma declaração divulgada hoje após o regresso de Budapeste.

Afirma Berlinguer que o PCI ficou particularmente satisfeito com a decisão de adiar a Conferencia para maio do proximo ano, em Moscou, "porque isto possibilitará elaborar um temario capaz de conduzir a uma discussão proficua". Segundo os observadores, o apoio dos comunistas italianos e franceses foi decisivo para a decisão de marcar a Conferencia, como era desejo dos sovieticos, embora tenham imposto a condição de ser no mês de maio.

ANSA e UPI

Outras noticias do mundo comunista na página 18

228 páginas

e mais o

Suplemento Feminino